

experimentos ao mesmo tempo críticos e poéticos. São cartografias pessoais que instauram no ciberespaço relações diferenciadas entre as tradições dos campos virtuais e geográficos.

Há também ações coletivas, como a criação de mapas táticos com o uso de drones equipados com câmeras para percepção de outros ângulos de visão e monitoramento das alterações na paisagem – especialmente se há interesses para uso de uma comunidade. Ampliam-se horizontes para apreender o fenômeno crescente de produções cartográficas não hegemônicas. Afinal, os mapas, em especial os da cartografia hegemônica, têm comprometimentos políticos e ideológicos, têm um ‘segundo texto’ que deve ser considerado e podem não ser honestos: representam o espaço a partir de uma intencionalidade, de um contexto e de um objetivo [21].

Toda produção simbólica do espaço cria e transforma este mesmo espaço. Um mapa não é uma produção da verdade, e sim uma expressão da experiência no espaço. “As cartografias não só representam o território como criam um território, todo mapa é uma reterritorialização (no sentido de afirmação de um processo de territorialidade, de apropriação do espaço) e tem a potencialidade de refazer-se e atualizar-se a cada fruição do sujeito” [21]. Mais que objetos, os mapas são processuais, eventos e uma materialidade inacabada. Enfatiza-se aqui que o mapa não é uma representação externa do mundo, mas algo que participa e o afeta. “Ao invés de reproduzir a realidade, ele a produz. Gera argumentos, gera discursos. Necessita de contextualização e recontextualização constantes. Como simplesmente não se limita a descrever e explicar o mundo, é parte de um jogo entre o mundo e nós mesmos” [21].

Uma semiótica da cidade

Sempre há múltiplas variações no modo de ver a cidade, mas, em cada uma delas, encontra-se sua veracidade representativa. Ou seja, como representações não mimetizam a cidade, mas são parciais enquanto modo de representar e enquanto sentido. Na representação, seleciona-se um aspecto ou parte

de toda a cidade de onde se infere um sentido geral; toda representação é uma síntese metonímica. “Ver-a-cidade tem sua verdade e eficiência na medida em que, na cidade, é selecionada uma imagem persuasiva, ou não. Toda representação é uma parcialidade, uma ficção verídica” [46].

Os modelos fractais examinados nas percepções visuais da forma urbana, segundo Baity [47], visualizam diferentes formas urbanas, com graus muito diferentes de realismo e perspectivas de realização, em modelos muito simplistas. Cullen [48] afirma que, quando olhamos uma coisa vemos, por acréscimo, uma quantidade de outras coisas.

Cartografia cognitiva

O quadro 2 mostra diferentes categorias de representações do pensamento e da expressão espaciais não-ocidentais, que também podem ser encontradas de uma forma ou outra na nossa própria sociedade.

Para Seeman [49], conforme o quadro 2, a cartografia cognitiva ou mental inclui tanto as imagens do ambiente guardadas na mente das pessoas para encontrar caminhos ou se orientar no espaço, quanto artefatos físicos que registram como as pessoas percebem o espaço e os lugares:

A cartografia de performance pode se manifestar em forma de um ato social não material, oral, visual etc., como gestos, rituais, canções, processos, danças, poemas, histórias ou outros meios de expressão ou comunicação cujo propósito primário é definir ou explicar conhecimentos ou práticas espaciais. A representação espacial também pode ter uma forma material e ‘não efêmera’.

Quadro 2, extraído de Woodward [50]:

Interno - 1 (experiência interna)	Externo - 2 e 3 (processos e objetos que realizam ou externalizam a experiência interna)	
1 Cartografia cognitiva Pensamento, imagens	2 Cartografia de performance (performance, processos)	3 Cartografia material (registro, objetos)
Onde: 1) Imagens organizadas como constructos espaciais;		